

Práticas Midiáticas Intergeracionais: Uma Perspectiva Mídia-Educativa

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.189.7>

Sandra Claudiano Semptikovski de Jesus

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
<https://orcid.org/0009-0002-3058-3828>
sandra.sempt@gmail.com

Monica Fantin

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7627-2115>
fantin.monica@gmail.com

José Douglas Alves dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7263-4657>
jdney.alves@gmail.com

Resumo

O presente estudo apresenta aspectos das relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais entre um grupo de pessoas idosas e seus netos, a partir de um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada entre 2022 e 2024, na cidade de Florianópolis (Santa Catarina, Brasil). Fundamentada nos estudos intergeracionais e na mídia educação, a pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, orientou-se metodologicamente por uma proposta de pesquisa-ação participante, acompanhando um grupo de 10 mulheres idosas, entre os 71 e os 84 anos, e seus netos e netas, entre os cinco e os 13 anos de idade, e desenvolvendo propostas artísticas e mídia-educativas. Com o foco na interação entre as pessoas idosas e seus netos e suas formas de produzir, interagir e compartilhar informações e produções culturais, o estudo enfatiza a importância da memória nas propostas intergeracionais e mídia-educativas nos espaços formais ou informais de aprendizagem. A reflexão sobre os dados construídos sinaliza que a presença das tecnologias digitais nas interações cotidianas e as mediações intencionais em um grupo intergeracional

podem fortalecer a construção de vínculos e de aprendizagens que contribuem para a cidadania de todas as gerações diante dos desafios da cultura digital. Por fim, destaca-se a necessidade de contemplar as mediações educativas na formação e nas políticas públicas sobre o tema.

Palavras-chave

relações intergeracionais, cultura digital, mídia educação, tecnologias digitais, práticas artísticas e midiáticas

Encontro com as Tecnologias Digitais e as Relações Intergeracionais Como Objeto de Investigação

Em diversas sociedades que antecederam a escrita, as pessoas idosas¹ eram consideradas como os principais repositórios do conhecimento e da história humana pela transmissão oral das tradições socioculturais (Gee, 2021/2024). E mesmo hoje, em algumas sociedades tradicionais e entre os povos originários, as pessoas mais velhas, os anciãos e anciãs, são vistas como conselheiros e conselheiras que ensinam saberes e fazeres do cotidiano às gerações mais jovens (Fantin, 2021). No entanto, parece que esse lugar está se modificando na contemporaneidade.

Diversos estudos sobre a velhice e a terceira idade, realizados a partir de diferentes áreas do conhecimento (Bitencourt & Dalto, 2021; Jardim et al., 2006; Rozendo & Justo, 2012; Silva, 2008), revelam potencialidades e qualidades sociais das relações intergeracionais em diferentes culturas. E os usos das tecnologias digitais nestas relações podem sugerir tanto formas de exclusão e distanciamento como formas de aproximação entre as pessoas, contribuindo para o reconhecimento de outras aprendizagens e interações. Afinal, se diversos fatores históricos, econômicos e culturais contribuem para o distanciamento da educação voltada a pessoas idosas sobre os acessos e usos das tecnologias digitais, é necessário pensar a formação contínua de pessoas idosas diante do aumento dos índices de expectativa de vida apresentados nos últimos anos.

Na perspectiva de reafirmar os direitos conquistados pelo Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, 2003), buscamos entender as relações e as interações de um grupo de pessoas idosas com as tecnologias digitais. Como elas usam tais tecnologias no seu cotidiano? Suas práticas com essas tecnologias favorecem processos de interação entre seus familiares de diferentes gerações? E quais as possibilidades de grupos

¹ De acordo com as Nações Unidas (United Nations, s.d.), o termo "pessoas idosas" é utilizado para se referir a indivíduos com 60 anos ou mais. No presente artigo, utilizaremos o termo "idoso", fundamentado em referências bibliográficas que consolidaram esse termo em diversas pesquisas sociológicas e também por essa ser a denominação utilizada nos grupos de pessoas idosas na cidade de Florianópolis (Santa Catarina, Brasil), onde foi realizada a pesquisa, sendo também o termo escolhido pelo grupo de mulheres que participaram desta investigação.

intergeracionais fortalecerem os vínculos entre avós e netos? Essas questões nos motivaram a refletir sobre as relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais, a partir de um grupo de mulheres idosas na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. A escolha desse tema surgiu após a pandemia de COVID-19, ao observar como o grupo de mulheres idosas usava as tecnologias para consumir, aprender, interagir e se comunicar no contexto de distanciamento físico e social decorrente da pandemia.

A pesquisa se justifica diante da necessidade de ampliar estudos e pesquisas sobre as relações das pessoas idosas com as tecnologias digitais e da possibilidade de refletir sobre a importância das relações intergeracionais nas atividades de um grupo de mulheres idosas a partir da perspectiva mídia-educativa (Buckingham, 2000/2006, 2019). Dessa maneira, espera-se contribuir com a produção de estudos que têm como enfoque as pessoas idosas, a interação com as tecnologias digitais e as relações intergeracionais.

Uma Nova Configuração Social e as Tecnologias Digitais na Terceira Idade

O crescimento populacional observado nos últimos anos tem exigido outros modos de convivência, mediações e relações entre as gerações. No Brasil, a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), pode-se observar mudanças sociais significativas nesse sentido, desde o maior acesso à educação e ao mercado de trabalho para mulheres até a redução na taxa de natalidade, sobretudo devido às dificuldades financeiras. Em contrapartida, os avanços na medicina e a diminuição da taxa de mortalidade resultam no aumento da população idosa.

O acesso e a inclusão digital para todas as pessoas – sejam elas pessoas idosas, adultas, jovens ou crianças – têm se tornado uma preocupação crescente para a formação de uma sociedade mais participativa e inclusiva, de modo a auxiliar na resolução de problemas relacionados à comunicação e favorecer as relações intergeracionais (Bonilla & Pretto, 2015; Fantin & Santos, 2020; França et al., 2010; García & Sánchez, 1998; Martín-Barbero, 1987/2001).

A partir das últimas décadas do século XX, cada vez mais se passou a definir o momento em que vivemos como uma sociedade da informação, da comunicação ou sociedade em rede. Diversos autores (Buckingham, 2019; Jenkins, 2006/2009; Rivoltella, 2008) abordam a importância do avanço das tecnologias para a sociedade atual no âmbito das ciências, saúde, economia, cultura e lazer e, sobretudo, educação. A educação sobre, com e através dos meios e tecnologias torna-se cada vez mais uma condição para a inclusão e pertencimento de todas as pessoas na sociedade, o que implica a necessidade da perspectiva crítica da mídia educação (Fantin & Rivoltella, 2010). E como o avanço da ciência e tecnologia é expressão da criatividade humana, também envolve questões políticas e ideológicas (Freire, 1996).

Segundo os dados de pesquisas recentes, tem havido um aumento na proporção de pessoas, em todas as idades, que utilizam tais tecnologias e seus aplicativos. Até 2018,

o grupo etário com 60 anos ou mais era o que menos acessava a internet (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Todavia, de 2019 a 2021, o percentual de utilização dos idosos foi o que mais aumentou: de 44,8% para 57,5% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Um estudo feito pela Hedgehog Digital, entre agosto e setembro de 2022, para compreender o comportamento de busca na internet brasileira desde 2020, constatou o aumento de 73% no número de pessoas com mais de 50 anos que utilizam o celular no Brasil como instrumento de pesquisa (State Of Search Brasil, 2022). Nota-se o acesso cada vez maior às tecnologias digitais por parte deste público, e nesse quadro é crescente o número de pesquisas que relacionam a mídia educação com esse grupo etário (Rasi et al., 2021).

Propagação de *Fake News* na Terceira Idade

Ao mesmo tempo que as relações e práticas culturais entre idosos vêm se modificando com o aumento do uso das tecnologias digitais, algumas de suas formas de interação com a cultura digital têm sido preocupantes. O uso de aplicativos e plataformas tem desafiado esse público no acesso à internet e nas interações que estabelece a partir de certas mensagens que recebe, o que se revela na dificuldade em lidar com informações e com “notícias falsas”, desinformação e *fake news*.

Conforme Ripoll e Matos (2017), a internet tem popularizado os termos “fake news”, “pós-verdade” e “desinformação”, e trazido uma verdadeira preocupação quanto à veracidade e confiabilidade das informações disseminadas na web, as quais acabam moldando opiniões, construindo pretensos conhecimentos, baseando-se em informações falsas ou imprecisas.

O termo “desinformação” é popularmente mais conhecido como “fake news”. Para Brito e Pinheiro (2015), o conceito de “desinformação” possui três principais significados: a ausência da informação, a informação manipulada e o engano proposital. Em relação ao termo “fake news”, Prado (2022) descreve como uma mensagem contestável, falsa, não se tratando de informação e não se enquadrando como notícia.

Por sua vez, Wardle e Derakhshan (2023) esclarecem as denominações no âmbito das *fake news*: “informação incorreta” (ou “informação falsa”); “desinformação”; e “má informação” (ou “informação maldosa”). A primeira compreende mensagens falsas que são enviadas sem intenção de causar dano ao destinatário; a segunda se refere a conteúdos falsos criados com a intenção de manipular o público; e a terceira trata das informações ruins (distorcidas e/ou incompletas), mas com algum princípio correto, que são propagadas também com a intenção de causar dano ao leitor.

Sobre o engano proposital, pesquisadores da Universidade de Nova York (BBC, 2019) apontaram que adultos com mais de 65 anos são mais propensos a divulgar notícias falsas na internet. Os autores da pesquisa analisaram as publicações de um grupo de

usuários do Facebook durante a campanha presidencial americana no ano de 2016, e a pesquisa concluiu que os usuários na faixa etária mais velha, acima dos 65 anos, compartilharam sete vezes mais artigos de portais de notícias falsas do que o grupo etário mais jovem (18 a 29 anos).

Deste modo, ao mesmo tempo em que os idosos são vítimas de golpes, acesso e divulgação de *fake news*, eles se tornaram também potenciais propagadores de notícias falsas. De acordo com Rasi et al. (2021), algumas pesquisas apontam para a falta de capacidade dos idosos para compreender, analisar e avaliar o conteúdo da mídia, inclusive para a confiabilidade das notícias online e das informações de saúde apresentadas.

Neste contexto, a educação midiática torna-se necessária para que a pessoa idosa possa ser ativa e crítica diante dos usos das mídias, tanto para ter mais consciência das questões socioeconômicas mais amplas como para não ser vítima de golpes. E práticas intergeracionais, por meio do uso das mídias, também podem contribuir nesse sentido, pois a participação social desses sujeitos nas suas relações com gerações mais novas pode trazer pontos positivos no uso das tecnologias digitais, o que representa uma de suas potencialidades (Castro, 2018).

Mídia Educação e Pessoas Idosas: Um Diálogo Possível?

As mídias fazem parte da cultura contemporânea, contribuindo nos processos educacionais de produção, reprodução e transmissão de cultura. As sociedades contemporâneas se organizam cada vez mais a partir das mídias, que exercem a mediação entre as pessoas e modificam suas formas de interagir, comunicar e produzir cultura, como afirma Fantin (2011). Belloni e Bévort (2009) também destacam a importância da participação das pessoas adultas nesse processo de educar para as mídias ao longo da vida.

Para refletir sobre os usos críticos das tecnologias e pensar as possibilidades da educação midiática em todas as fases da vida (infância, juventude, vida adulta e velhice), reafirmamos que a mídia educação também pode ser abordada entre as pessoas idosas, pois ela também diz respeito aos modos de socialização das diferentes gerações, sobretudo diante dos desafios da desinformação.

Desta maneira, a mídia educação como campo cultural, interdisciplinar e educacional envolve “conhecimentos teóricos e práticos [que] hoje fazem parte da construção de uma cidadania instrumental e de pertencimento, e significam a oportunidade de produzir outras formas de expressão e representação da cultura como condição de participação e cidadania” (Rivoltella, 2008, p. 51).

Nessa dimensão de pertencimento, defender uma educação midiática voltada às pessoas idosas não se limita a analisar mídias apenas por meio de “habilidades de recepção crítica” (Buckingham, 2000/2006, p. 135), pois visa encorajar a participação crítica das pessoas enquanto produtoras culturais por direito próprio. E no caso da terceira idade, as pessoas idosas podem continuar atuantes exercendo a cidadania e contribuindo para o meio social.

Se a mídia educação é “um terreno muito significativo para a definição das possibilidades futuras da cidadania” (Buckingham, 2000/2006, p. 136), ela pode oportunizar aprendizagens significativas que possibilitam interações entre as diferentes gerações e suas mediações através do uso crítico das tecnologias digitais. E tais aspectos fortalecem construções de aprendizagens que contribuem para o repertório cultural e outras motivações de ambas as gerações.

Experiências Intergeracionais a Partir de um Grupo de Mulheres Idosas e Seus Netos: Caminhos Metodológicos e Propostas Artísticas e Mídia-Educativas

No âmbito da pesquisa que origina estas reflexões (Jesus, 2024), investigamos a Associação de Crescimento Pessoal Semeadores do Saber, um grupo de idosas criado em 2005 na cidade de Florianópolis (Santa Catarina, Brasil), inicialmente composta por mulheres recém-aposentadas. As características do grupo envolviam atividades próprias de voluntariado, passeios culturais, saídas aos arredores da Grande Florianópolis (Santa Catarina), atividades que estimulassem a memória e o raciocínio.

O grupo foi se fortalecendo a cada ano e em 2010, por consequência da divulgação das atividades e propostas entre as idosas, chegou ao seu maior número de pessoas, com 30 idosas. No ano de 2020, as participantes foram surpreendidas com a pandemia de COVID-19, o que diminuiu o número de participantes gradualmente. Hoje, o grupo conta com 10 participantes.

A sede da associação de idosas está situada nas proximidades da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Santa Catarina), e configura-se em um espaço para a organização dos encontros. Nesse espaço são realizadas várias atividades culturais e artísticas do grupo, e uma atividade em particular foi determinante para a escolha deste grupo de mulheres idosas nesta pesquisa: a elaboração e produção de uma revista bimestral intitulada *O Comunicador*, pois tal iniciativa apresentou um subsídio importante para pensar na perspectiva mídia-educativa das propostas de mediação das atividades intergeracionais.

O Comunicador: Uma Experiência de Autoria Coletiva na Produção de Mídia

Uma ideia para registrar, incentivar e fortalecer essa caminhada entre os membros do grupo resultou na produção e realização coletiva de uma revista bimestral. Essa revista é um documento importante para conhecer as propostas, situar aspectos históricos do grupo, contendo datas, fotos e imagens, além de identificar uma história contínua de crescimento e amizade.

A criação da revista partiu da necessidade de organização e registro das memórias das atividades que o grupo realizava. Como reconhecimento da importância de

atividades e propostas que envolvessem leitura, escrita e desenvolvimento de práticas com as tecnologias digitais, a revista foi criada em 2006, contemplando as primeiras atividades do grupo.

A colaboração em projetos midiáticos, como, por exemplo, a produção de um jornal, revista ou programa televisivo, pode ser considerada uma forma de tornar as pessoas idosas em consumidores mais exigentes e dar-lhes ferramentas técnicas e cognitivas acerca de um meio de comunicação que poderá atenuar o impacto de certa desordem informativa nesta faixa etária, argumenta Rasi et al. (2021).

De acordo com Buckingham (2019), além de saber usar as mídias, o propósito da mídia educação é desenvolver situações através do uso crítico e interativo, envolvendo habilidades de reflexão sobre o panorama socioeconômico, político, cultural e midiático, pois esta não se trata apenas de usar as plataformas tecnológicas, mas também de discutir os dados que oferecem e o que é feito com eles.

Portanto, a criação e a construção de uma revista por um grupo de mulheres idosas envolvem aspectos educativos e culturais, que, com a devida mediação, podem se aproximar da dimensão produtiva e expressiva da mídia educação. E no decorrer da investigação, essa atividade se aproximou de um exercício que pode ser entendido como uma proposta mídia-educativa, entre outras atividades artísticas e culturais que foram desenvolvidas com as mulheres idosas e seus netos.

O grupo participante da pesquisa foi composto por 10 mulheres idosas entre os 71 e os 84 anos e seus netos e netas entre os cinco e os 13 anos. Acompanhar o grupo por dois anos, dialogar com as integrantes e conhecer quais tecnologias digitais elas utilizam na vida pessoal e em seus encontros foram os pontos de partida para compreender suas relações com diversos artefatos tecnológicos, visando a construção de conhecimentos e aprendizagens. Neste processo, o objetivo da pesquisa pretendia analisar as relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais entre esse grupo de idosas e seus netos (Jesus, 2024).

O caminho metodológico da pesquisa participativa pretendia o contato direto com os sujeitos da pesquisa em sua realidade (Creswell, 2009/2010; Severino, 2007), e encontramos na pesquisa ação-participante (PAP) um fundamento coerente para tal perspectiva. A PAP é norteadada pela ideia do sujeito pesquisado como participante e protagonista da pesquisa, envolvendo-o em algumas tomadas de decisão e em determinados planejamentos das ações, afirmam Busarello e Sawaia (2022). Segundo as autoras, “não existe hierarquia entre os participantes da PAP, pelo contrário, todos são protagonistas, estão envolvidos e são envolvidos; o resultado é a pesquisa em ato e a transformação da realidade concreta” (Busarello & Sawaia, 2022, p. 100).

Foram realizadas observações, aplicação de questionário e entrevistas. Após a aplicação do questionário, que teve como objetivo obter uma descrição do perfil social, familiar e educacional das participantes, e da realização de entrevistas, que teve como objetivo conhecer melhor os usos das tecnologias entre elas, construímos a participação das idosas nesta pesquisa a partir da colaboração com ideias, propostas, temas sugeridos e tomada de decisões sobre os encaminhamentos de algumas ações.

Ao interagir com as integrantes do grupo e observar as práticas que envolvem as tecnologias digitais nos encontros, foi possível entender suas interações com os meios tecnológicos. As narrativas das trajetórias e experiências de aprendizagem ajudaram a compreender as relações entre o grupo, seus netos e familiares, e os significados das trocas de conhecimentos e afetos que permanecem na memória nessa fase da vida. Assim, a participação nas atividades do grupo, os diálogos e as interações contribuíram para dar sentido à observação participante, permitindo uma proximidade maior com o grupo e abertura a novos questionamentos (Creswell, 2009/2010).

A análise dos dados registrados no diário de campo – por meio de anotações, fotografias, gravações de áudio e vídeo no celular com posterior transcrição – ajudava a rememorar os encontros. E aqui as imagens se constituíram em importante fonte de registro, como veremos nas propostas a seguir.

No recorte desta reflexão, escolhemos três propostas de atividades intergeracionais realizadas com as avós e netos, fundamentadas nos princípios de uma educação dialógica, participativa e reflexiva, aproximando-se da perspectiva da mídia educação. A identificação dos nomes das avós por nomes de flores e dos netos por nomes de frutas foi uma escolha feita por elas, baseando-se nas propostas de atividades 1 e 3.

A primeira proposta envolveu uma técnica de pintura mediada por um vídeo de uma rede social, trabalhando sobre os usos, compartilhamentos e compreensões dessa linguagem; a segunda proposta foi a prática de um jogo por aplicativo gratuito (jogo de seleção e agrupamento de bolinhas), analisando diferentes capacidades e conquistas em relação ao conhecimento e experiência de jogos entre avós e netos; e a terceira proposta refere-se a compartilhamentos de experiências, depoimentos e compreensões em torno de termos como desinformação, *fake news* e inteligência artificial (IA), e as percepções dos grupos frente a esses termos.

Proposta 1: Artes Manuais Mediadas Pela Rede Social Instagram

O grupo de avós e netos foi convidado a participar de uma atividade mediada por tecnologias digitais e artes manuais com o uso da pintura. Para iniciar, o grupo de idosas precisava acessar a rede social Instagram. As avós que não tinham acesso eram orientadas pelos seus netos, que criaram uma conta na rede social naquele momento, para as avós².

A técnica de pintura necessitava que o grupo compartilhasse um vídeo em seus celulares, chegando a todos os participantes. Esse compartilhamento foi observado ser um momento de muita relevância dentro da relação familiar mediada pela tecnologia, em que as crianças ensinavam suas avós a acessarem o conteúdo do vídeo da rede social: “*vó olha aquele aviãozinho de papel no seu vídeo aí do lado! Clica em cima dele que ele voa para onde a vó quer enviar!*” (Abacaxi, 10 anos).

² Os netos com 13 anos realizavam essa mediação para a criação de conta da rede social da sua avó. Os símbolos de pesquisa e compartilhamento dessa rede social foram identificados por crianças menores de 13 anos, pois observam em seu convívio familiar a manipulação dessa rede social.

Tal explicação do neto representa um diálogo com a avó na busca de compreensão e interpretação dos passos para o compartilhamento do vídeo. A interpretação dos ícones apresentados no vídeo representa uma comunicação através dos símbolos interpretando as imagens (ícones) expostas. Ao assisti-lo, as crianças aparentemente demonstravam uma maior segurança no seu manuseio, mostrando um predomínio nas ações de pausar, recomeçar e compartilhar.

Nessa atividade, as avós realmente estavam assistindo o vídeo minuciosamente, prestando atenção aos detalhes. Ao iniciar a atividade, algo de errado chamou a atenção de uma das crianças participantes: a pintura não estava ficando com formato de flor, como era proposto. Então, uma das senhoras pegou o saco plástico de suas mãos e disse: “você não assistiu que no início do vídeo era feito um pequeno nó na ponta do saco plástico?” (Rosa, 77 anos). Ao falar e questionar sorrindo e com segurança, a avó lembrou ao neto algo que foi apresentado no início do vídeo, quando começava a música.

Essa proposta de atividade intergeracional com o uso das tecnologias digitais revelou diferentes habilidades com que cada geração se relaciona com as tecnologias digitais. A abertura para ampliação de espaço para que as avós interessadas nessa rede social criassem seu acesso, e para que os netos interagissem, fazendo diferentes observações sobre o vídeo, demonstrou os interesses diversos nas atividades e a qualidade das relações de aprendizagem entre avós e netos.

Ao pensar que os netos realizariam as principais tarefas mediadas pelo vídeo, por terem maior domínio do celular e dos ícones da rede social, poderíamos desconsiderar o fator atenção e outras habilidades das avós presentes na atividade. A Figura 1 representa alguns momentos da interação entre avós e netos durante a atividade de pintura.

Nessas relações de aprendizagem e trocas entre as gerações, muitas avós comparavam experiências passadas com vivências atuais dos netos. Lembravam suas pinturas na infância, mediadas pelas professoras, onde tinham que ter autorização para iniciar, escolher a cor, posição para realizar a pintura, recordando que o silêncio precisava estar a todo o momento presente, e como seus corpos ficavam com a postura reta, imóveis, com o risco de um erro “estragar” toda a pintura.

Argumentaram que hoje é diferente, pois os netos são estimulados a uma pintura mais livre e criativa. No entanto, em relação à oferta de atividades de natureza artística, os netos mencionaram suas experiências na educação infantil, pois já estavam frequentando o ensino fundamental, sinalizando algumas mudanças: “*não temos tempo para mexer com tinta, tecidos, criar coisas que queremos*” (Melancia, 8 anos); “*temos que estudar para conseguir passar no vestibular, não temos mais tempo para essas brincadeiras*” (Uva, 12 anos). Falas que corroboram a pesquisa de Santos (2013), ao enfatizar o quanto o sistema de ensino, desde os primeiros anos, está voltado a uma lógica de competição por meio da aplicação de provas que têm o intuito de preparar as crianças para os exames vestibulares.



Figura 1
Proposta de atividade intergeracional.
Créditos. Sandra Claudiano Semptikovski de Jesus, 2023

Proposta 2: Do Jogo do Celular Para a Interação Familiar

A segunda proposta partiu dos relatos sobre o período pandêmico, em que as avós e netos participaram de jogos adquiridos por aplicativos em seus celulares e smartphones (ver Figura 2).

Nessa proposta foi possível analisar as diferentes conquistas e relação de conhecimento e prática de jogo nas diferentes gerações (avós e netos); o uso habitual das crianças em jogos por aplicativos e seus compartilhamentos, as preferências e as influências de *youtubers* na divulgação e propaganda de jogos.

Entre as avós, percebemos o interesse em aprender, manipular o celular, conquistar o desafio do jogo, respeitando algumas dificuldades diante da idade avançada, como a baixa visão, a agilidade motora das mãos. A dedicação das idosas durante o jogo foi intensa, estavam atentas, mas os netos não prestaram muita atenção e olhavam para o celular da avó para saber se ela estava aprendendo. Para as crianças, a exploração no intuito de aprender a jogar ocorria por tentativas de erro/acerto, mas as idosas preferiam o passo a passo das mediações. O que corrobora com Buckingham (2010), ao afirmar que “as crianças aprendem a usar a mídia quase sempre pelo método de ensaio e erro” (p. 45).

Em conversa sobre este aspecto, uma idosa comentou: “a criança tentando fazer algo e errando é natural, está no processo, o idoso tentando algo novo sendo maduro, responsável e errando é ‘velho incapaz’, essa diferença que limita o idoso na tentativa de ser autodidata nas suas aprendizagens” (Bromélia, 74 anos).

É comum observarmos uma visão estereotipada da sociedade e da família perante os idosos, sobretudo quando é relacionada com as perdas das suas funções cognitivas e os processos naturais do envelhecimento, reforçando aspectos de limitação e incapacidade do idoso em realizar tarefas sozinho, em errar, aprender, esquecer, intimidando o próprio idoso a avançar e evoluir nessa fase da vida (Neri, 2005).

E as relações intergeracionais podem ser ocasião para superar certas limitações ao envolver as mediações e usos das mídias, que possam oferecer maior segurança aos idosos e aprendizado na interação com os netos num processo lúdico, sentindo-se estes responsáveis por ensinar e orientar suas avós no uso das tecnologias digitais através do jogo.

Dentro dessa proposta, avós e netos construíram a partir do jogo do aplicativo no celular um outro jogo similar, com materiais alternativos, contribuindo nessas relações de interação e aprendizagem, como podemos observar na Figura 3.



Figura 2
Avó e neta jogando Ball Sort Puzzle.
Créditos. Sandra Claudiano Semptikovski de Jesus, 2023



Figura 3
Avó e neto jogando
Ball Sort Puzzle
manualmente.
Créditos. Sandra
Claudio Semptikovski
de Jesus, 2023

Proposta 3: Apropriações e Compartilhamentos – *Fake News* e Inteligência Artificial

Essa proposta partiu da necessidade de mediação no grupo de idosas diante de depoimentos sobre compartilhamento de mensagens via grupos de WhatsApp, onde elas já se depararam com mensagens duvidosas, que, por vezes, descobriram ser falsas e enganosas, e também diante de propagandas realizadas com auxílio de IA e tentativa de golpe – como no caso de uma que oferecia recuperação da saúde na terceira idade por meio de medicamento direcionado ao público idoso.

Através de conversas sobre a necessidade de aprender a usar recursos disponíveis à população para diagnosticar *fake news*, as idosas e seus netos discutiram e reconheceram alguns problemas sociais e econômicos que podem acarretar sendo vítimas de golpes e propagando mensagens enganosas.

Fato é que a disseminação de desinformação sem controle via redes sociais explicita a necessidade de não apenas regularizar as redes, mas, sobretudo, de estimular uma educação midiática no sentido do discernimento não apenas dos meandros que envolvem o fluxo comunicacional na contemporaneidade, como também da interpretação crítica e analítica dos fatos (Ongaro et al., 2024).

Nesse caso, a ênfase na educação midiática implica compreender as fontes de informação, questionando-as, problematizando os interesses de seus produtores e suas representações de mundo. É fundamental entender também como o avanço tecnológico está interligado a questões políticas, econômicas e sociais mais amplas (Buckingham, 2010).

Algumas falas destacam essa necessidade da educação midiática nos espaços escolares, apresentando como a desinformação afeta as crianças: “eu sabia o que era *fake news*, mas não desse jeito, e com a ajuda da IA vai ser cada vez mais perigoso e esse tema seria legal trabalharmos no colégio, pois ajudaria a nós e aos pais” (Abacaxi, 10 anos).

A questão de criar, modificar pessoas e imagens, penso que se fala muito em respeitar os colegas da turma em suas diferenças, mas não existe uma prática, é apresentado parâmetros de beleza criados pela IA, mas que indiretamente impõe a seguir estilos, aparência... muitos amigos se sentem mal por isso, são indiretamente excluídos; e na verdade é tudo ilusório, mentira. (Maçã, 13 anos)

Tal fragmento referenda aspectos da relação das crianças com a desinformação e IA nas práticas escolares. Segundo pesquisa de Roznieski (2022), o potencial de atração gerado por conteúdos falsos, intensificados pelas tecnologias digitais e IA, está atrelado aos interesses políticos e econômicos e seu alcance é 70% maior do que conteúdos verdadeiros. Por isso, desenvolver habilidades e competências também relacionadas à IA é uma necessidade educativa, que se deve iniciar desde a escola da infância. Nesse sentido, “é fundamental uma formação profissional transversal e que capacite os professores a tratar desta questão com seus alunos independente da sua área de conhecimento” (Matias, 2024, para. 4).

Do mesmo modo, essa atividade apresentou a oportunidade de interação intergeracional: “primeira vez que conversei algo tão diferente com meu neto e ele comigo, aprendemos muito!” (Bromélia, 74 anos).

Ações e práticas na perspectiva mídia-educativa podem reduzir essa desinformação e manipulação midiática, formando pessoas mais esclarecidas sobre condutas, acessos, reflexão, produção e compartilhamento dos conteúdos midiáticos. Aliado a isso, um trabalho intergeracional pautado nas trocas de saberes e percepções do mundo pode desenvolver aspectos críticos e criativos entre adultos, crianças e pessoas idosas. A esse respeito, França et al. (2010) sugerem que tais relações promovem um

compartilhamento relevante de aptidões e habilidades entre os envolvidos nessas propostas intergeracionais.

Ao considerar que a educação midiática possibilita desenvolver propostas críticas-reflexivas em que adultos e crianças possam construir outras percepções e práticas responsáveis (Fantin, 2011), a referida proposta buscou favorecer o grupo de mulheres idosas e seus netos visando aprendizagens sobre os diferentes usos e compartilhamentos de mensagens por meio da reflexão intergeracional.

Na Figura 4, as participantes da pesquisa estão compartilhando suas experiências e aprendizado referentes ao tema das *fake news* e IA.



Figura 4

Estudo e experiências compartilhadas referentes a *fake news* e inteligência artificial.

Créditos. Sandra Claudiano Semptikovski de Jesus, 2024

Nos exemplos acima, observamos indicadores da potência do grupo intergeracional para consolidar vínculos de aprendizagens mediadas pelas tecnologias digitais, bem como para fortalecer vínculos afetivos entre as participantes e seus netos. Tais reflexões também referendam o estudo de Petrella (2019), ao sugerir que em uma sociedade caracterizada por mudanças tão rápidas quanto profundas, o encontro entre crianças e pessoas idosas pode representar um precioso recurso educativo, além de criar um ambiente de afeto, segurança e confiança.

Algumas Considerações Finais

Nas reflexões acima observamos o quanto o envolvimento entre avós e netos potencializa a construção de vínculos e de aprendizagens com e sem tecnologia. A aproximação intergeracional propicia diálogos sobre questões de nosso tempo, em que a troca de conhecimento tornou-se relevante para a compreensão de determinadas temáticas, como, por exemplo, o uso de diferentes tecnologias na vida cotidiana. Nesse processo, identificamos também a importância do papel da arte na riqueza das trocas de saberes entre as gerações para a formação humana.

Com base nos resultados desta pesquisa, que envolveu práticas intergeracionais mediadas pela arte e pelas tecnologias digitais, consideramos que ainda há um grande caminho para consolidar práticas educativas com pessoas idosas na perspectiva mídia-educativa em espaços formais e informais. Os dados apresentados fornecem algumas pistas teóricas e práticas para refletir sobre atividades e mediações educativas que envolvem grupos intergeracionais entre avós e netos. O estudo sinaliza também a importância de trabalhos em grupos e/ou associações de pessoas idosas e a necessidade de pensar tais questões nos cursos de formação para profissionais de áreas diversas como educação, saúde, psicologia, assistência social, entre outras, que possam fortalecer a elaboração de propostas concretas a partir das políticas públicas e do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, 2003).

Para finalizar, trazemos o comentário de uma avó participante da pesquisa:

a verdade é: o tempo está passando, *pra* todas, para os netos, enfim, o que fica de importante é essa aprendizagem que não cabe no coração, na memória, na foto, ações que aconteceram por conta desses dias, e que de maneira natural foram responsáveis pelos momentos mais importantes entre as crianças e nós.
(Orquídea, 84 anos)

Tal percepção inspira muitas reflexões. Entre elas, destacamos o quanto a relação intergeracional entre avós e netos evidencia a importância de uma mediação intencional na perspectiva da mídia educação, uma vez que seus pressupostos incentivam uma reflexão crítica sobre os usos das mídias e seus conteúdos, contextualizando a produção, recepção e compartilhamento de informações. Também reforça a importância das relações intergeracionais, que além de fortalecerem os vínculos afetivos, ampliam as possibilidades e conexões de aprendizagem que aprimoram e potencializam as relações entre os sujeitos, tanto a nível individual quanto coletivo e social.

Referências

- BBC. (2019, 12 de janeiro). *Idosos e conservadores são mais propensos a espalhar conteúdos falsos, diz estudo*. Globo. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/12/idosos-e-conservadores-sao-mais-propensos-a-espalhar-conteudos-falsos-diz-estudo.ghtml>
- Belloni, M. L., & Bévort, E. (2009). Mídia-educação: Conceitos, história e perspectivas. *Educação & Sociedade*, 30(109), 1081-1102 <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000400008>
- Bitencourt, R. O. M., & Dalto, F. A. S. (2021). Da velhice à terceira idade: Um estudo exploratório sobre a evolução do conceito e as implicações para as políticas públicas. *Planejamento e Políticas Públicas*, (59), 285-304 <https://doi.org/10.38116/ppp59art10>
- Bonilla, M. H., & Pretto, N. (2015). Política educativa e cultura digital: Entre práticas escolares e práticas sociais. *Perspectiva*, 33(2), 499-521 <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n2p499>
- Brito, V. P. de, & Pinheiro, M. M. K. (2015). Poder informacional e desinformação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 8(2), 144-164. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119591>
- Buckingham, D. (2006). *Crescer na era das mídias: Após a morte da infância* (G. Girardello & I. Orofino, Trad.). Academia. (Trabalho originalmente publicado em 2000)
- Buckingham, D. (2010). Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, 35(3), 37-58 <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077>
- Buckingham, D. (2019). *The media education manifesto*. Polity Press.
- Busarello, F. R., & Sawaia, B. B. (2022). Pesquisacaminhante: A pesquisa ação-participante (PAP) como método de pesquisa longitudinal. *Psicologia da Educação*, (55), 98-105. <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2022i55p98-105>
- Castro, J. C. (2018). *Práticas coeducativas em torno a la cultura digital: (Des)encuentros intergeneracionales* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26063>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (M. Lopes, Trad.). Artmed; Bookman. (Trabalho original publicado em 2009)
- Fantin, M. (2011). Mídia-educação: Aspectos históricos e teórico-metodológicos. *Olhar de Professor*, 14(1), 27-40. <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.14i1.0002>
- Fantin, M. (2021). Quem tem pressa não ouve Deus: Deslocamentos e aproximações em uma aldeia guarani. In T. A. Piacentini & M. Fantin (Eds.), *Encontro: Culturas, crianças, museu e educação* (pp. 17-44). Pimenta Cultural.
- Fantin, M., & Rivoltella, P. C. (2010). Crianças na era digital: Desafios da comunicação e da educação. *Revista Estudos Universitários*, 36(1), 89-104. <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/464>
- Fantin, M., & Santos, J. D. A. (2020). Sobre dispositivos móveis e possibilidades formativas na infância contemporânea. In C. Porto & E. Santos (Eds.), *Processos formativos e aprendizagens na cibercultura: Experiências com dispositivos móveis* (pp. 105-133). EDUNIT.
- França, L. H. F. P., Silva, A. M. T. B., & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: Quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-532. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- García, J. M., & Sánchez, A. G. (1998). *Un modelo de educación en los mayores: La interactividad*. Dykinson.

Gee, H. (2024). *Uma história (muito) curta da vida na Terra* (G. Stam, Trad.). Fósforo Editora. (Trabalho original publicado em 2021)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo: Panorama*. Retirado a 25 de abril de 2025, de https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=2020aign=portal

Jardim, C. F. S., Medeiros, B. F., & Brito, A. M. (2006). Um olhar sobre o processo do envelhecimento: A percepção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 9(2), 25–34. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09023>

Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência* (S. L. de Alexandria, Trad.). Aleph. (Trabalho original publicado em 2006)

Jesus, S. C. S. de. (2024). *Relações intergeracionais entre avós e netos mediadas pelas tecnologias digitais* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/26375>

Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, Diário Oficial da União, de 03-10-2003. (2003). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

Martin-Barbero, J. (2001). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* (R. Polito & S. Alcides, Trads.). Editora UFRJ. (Trabalho original publicado em 1987)

Matias, M. (2024, 27 de agosto). *Fake news: Como ensinar as crianças a identificar notícias falsas*. Educação em Pauta. <https://sinepe-rs.org.br/educacaoempauta/pedagogico/fake-news-como-ensinar-as-criancas-a-identificar-noticias-falsas/>

Neri, A. L. (2005). *Palavras-chave em gerontologia*. Alínea.

Ongaro, V., Fantin, M., & Santos, J. D. A. (2024). The perception of misinformation by young students from a Brazilian sociocultural context: Reflections and clues for media education. *Observatorio (OBS*)*, 18(5), 1–20. <https://doi.org/10.15847/obsOBS18520242435>

Petrella, S. (2019). *Literacia midiática e comunicação intergeracional. Estudo das trocas e partilhas no 'encontro' entre gerações distantes* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/76141>

Prado, M. (2022). *Fake news e inteligência artificial. O poder dos algoritmos na guerra da desinformação*. Edições 7.

Rasi, P., Vuojärvi, H., & Rivinen, S. (2021). Promoting media literacy among older people: A systematic review. *Adult Education Quarterly*, 71(1), 37–54. <https://doi.org/10.1177/0741713620923755>

Ripoll, L., & Matos, J. C. M. (2017). Zumbificação da informação: A desinformação e o caos informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 13, 2334–2349. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>

Rivoltella, P. C. (2008). A formação da consciência civil entre o “real” e o “virtual”. In M. Fantin & G. Girardello (Eds.), *Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância* (pp. 41–56). Papyrus.

Rozendo, A. S., & Justo, J. S. (2012). Velhice e terceira idade: Tempo, espaço e subjetividade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(2), 143–159. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14i2p143-159>

Roznieski, R. (2022). *Educação midiática: Uma proposta para a escola* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. PUCRS Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10334>

Santos, J. D. A. (2013). *“O professor é importante, porque é porque se não for aí não é”: Escutando as crianças e pensando o professor* [Monografia de graduação, Universidade Federal de Sergipe].

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.

Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: O percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15(1), 155–168. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>

State of Search Brasil. (2022). *Como as buscas influenciam o dia a dia do brasileiro!* Hedgehog Digital.

United Nations. (s.d.). *2024 theme: Ageing with dignity: The importance of strengthening care and support systems for older persons worldwide*. Retirado a 25 de abril de 2025, de <https://www.un.org/en/observances/older-persons-day>

Wardle, C., & Derakhshan, H. (2023). *Desordem informacional: Para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas*. Editora CLE.